

Revista Brasileira de Comércio Exterior

RBCCE

A revista da FUNCEX

Ano XXXIV

145

Outubro,
Novembro
Dezembro
de 2020

Comércio Exterior como Pilar para o Crescimento Sustentável do Brasil

Imagem de Alexander Bobrov por Pixabay



FUNCEX



fundação
centro de estudos
do comércio
exterior

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

Editorial

2 Propósitos para o Comércio Exterior para além de 2021

Mario Cordeiro de Carvalho Junior

Desafios a enfrentar: Visão de Líderes

6 Pela primeira vez

David Taff

10 Empresas Exportadoras e os Desafios trazidos pela Pandemia

Ricardo Knoepfelmacher

14 O Desempenho das Exportações do Agronegócio nos primeiros sete meses de 2020

Orlando Leite Ribeiro e Gustavo Cupertino Domingues

Caderno Especial: Exportação - Uma Grande Jornada para as Empresas

22 Novo projeto de Lei do Câmbio

Marcelo Ferreira Lima

26 *Drawback* - Indutor de Competitividade na Economia Brasileira nos últimos 54 anos

Roberto Giannetti da Fonseca

32 Repetro

Maria da Luz Iria de Melo

41 Documentos Aduaneiros como Mecanismos de Simplificação de Desburocratização do Comércio Exterior Brasileiro

José Fernando Dantas de Sousa, Aline Veras de Araújo e Felipe Luís Ody Spaniol

48 O Impacto da Tecnologia da Informação nos Processos de Comércio Exterior no Brasil

Sinara Bueno e André Cavalcante

56 Serviços Internacionais: Siscoserv e o Futuro das Informações

Arthur Pimentel e Lisandro Vieira

60 Exportação: Preparação e Operação

Gabriel Segalis

72 Incoterms - *International Commercial Terms* (2020)

Romulo Del Carpio

81 Câmbio e Pagamentos Internacionais

Shirley Atsumi

84 Decisões para Competitividade em Logística Internacional

Alberto Henrique Amorim

Pela Primeira Vez



David Taff

David Taff
é CEO da Siemens Participações e
membro do Conselho Superior da Funcex

A preocupação crescente com a mudança climática tornou-se este ano um consenso entre líderes econômicos, políticos e investidores. A greve global de jovens em prol do clima, liderado pela ativista adolescente sueca Greta Thunberg, e o devastador incêndio na Austrália (histórico pelo tamanho – as plumas de fumaça percorreram 11.000 km até o Chile), formaram o pano de fundo do Fórum Econômico Mundial que teve lugar em Davos, em janeiro de 2020. Pela primeira vez, nos vinte anos da pesquisa anual de riscos de longo prazo, os assistentes do Fórum indicaram que três dos cinco riscos de maior impacto decorriam de questões ambientais.

Também em janeiro de 2020, Larry Fink, CEO da Blackrock (a maior gestora de fundos do mundo com US\$ 7 trilhões em ativos – o PIB brasileiro e aproximadamente US\$ 2 trilhões) enviou duas cartas estonteantes. Uma dirigida aos CEOs das investidas, e outra aos clientes que aplicam seu dinheiro junto à Blackrock.

Dirigindo-se aos CEOs, Larry foi taxativo, “risco climático é risco de investimento”. As evidências sobre o risco climático estão levando investidores a uma reavaliação profunda do risco e precificação dos ativos. As alterações climáticas, portanto, tornaram-se um fator decisivo nas perspectivas a longo prazo das empresas. “Num futuro próximo”, vaticinou, “é mais cedo do que muitos preveem, haverá uma realocação significativa de capital”.

A Blackrock já exigia das investidas elevados padrões de indicadores ESG (sigla em inglês que se traduz em Meio Ambiente, Social e Governança), assim como a divulgação de seus riscos climáticos. Na carta, Larry anunciou claramente as expectativas da Blackrock, “estaremos cada vez mais dispostos a votar contra a administração e os diretores quando as empresas não estiverem progredindo o suficiente nas divulgações relacionadas à sustentabilidade e nas práticas e planos de negócios subjacentes a elas”.

Em nome da Blackrock, Larry Fink assumiu um compromisso firme perante seus clientes. “Acreditamos que a sustentabilidade deve ser o nosso novo padrão de investimento.” Ele garantiu que a Blackrock vai integrar a sustentabilidade em todo o processo de investimento e tratar o risco ESG com o mesmo rigor com que analisa os tradicionais riscos de crédito e de liquidez.

As cartas de Larry Fink não só chancelaram a preocupação amplamente disseminada entre investidores, seguradoras e agências de *ratings* (avaliação de risco) com o impacto nas carteiras e ativos físicos do risco climático. O CEO da Blackrock também deixou patente outro consenso: as empresas que adotam altos padrões de ESG têm pilares de governança mais fortes, assim como cuidam e engajam mais os próprios colaboradores. Esses fatores trazem estabilidade e melhor desempenho. A consequência da mudança de perspectiva do setor financeiro leva à realocação de capital. Começando pela própria Blackrock, que vai tirar das carteiras de investimentos ativos as empresas onde o carvão térmico represente mais de 25% das receitas.



Antes de anunciar a nova política, a Blackrock já tinha começado a reduzir sua participação na Peabody Energy, a maior empresa privada de carvão do mundo. Em janeiro de 2020, Stephanie Weiler, gerente sênior de ESG e responsável por relações com investidores da Peabody declarou que “O mundo continuará a usar grandes quantidades de carvão por muitas décadas e continuará a precisar de empresas de carvão responsáveis no futuro”. “O desinvestimento não é a resposta”, acrescentou um alto executivo da Peabody Energy. Apesar da bravata, a Peabody registrou em agosto uma baixa contábil de US\$ 1,4 bilhão no valor da North Antelope Rochelle, a maior mina de carvão do mundo a céu aberto que responde por 12% da produção de carvão dos Estados Unidos.

A Peabody é só mais um exemplo de grande empresa pega de surpresa. O Norges Bank Investment Management, o maior fundo soberano do mundo com US\$ 1 trilhão de ativos sob gestão detinha no final de 2019 US\$ 53 milhões em ações e \$ 21 milhões em títulos da Eletrobrás. Em maio de 2020, o Norges anunciou que tinha excluído a Vale e a Eletrobrás das carteiras de investimentos com base em critérios ESG.

O estopim, no caso da Eletrobrás, foi a construção na floresta amazônica da usina de Belo Monte, marcada por forte oposição de grupos ambientalistas, um escândalo de corrupção, e segundo a Norgues por violações graves ou sistemáticas de direitos humanos. O Conselho de Ética da Norgues disse que o projeto levou ao “aumento da pressão sobre as terras indígenas, a desintegração das estruturas sociais dos povos indígenas e a deterioração de seus meios de subsistência”.

Os investidores nórdicos Storebrand, AP7, KLP, DNB Asset Management, Robeco, Nordea Asset Management e a britânica LGIM, responsáveis por US\$ 5 bilhões no Brasil, preveniram em junho sobre o risco de desinvestimento nas investidas no agronegócio, por causa do desmatamento na Amazônia. Nesse mês a Nordea Asset Management excluiu as ações da JBS, valoradas em US\$ 40 milhões, de todos os seus fundos. À diferença da Nordea, a Blacrock está entre os maiores investidores na JBS.

No começo de agosto, a BP informou ao mercado um prejuízo no segundo trimestre de U\$ 16 bilhões, quando no mesmo trimestre do ano anterior a BP tinha lucrado US\$ 1.8 bilhão. Contudo, o mais impactante foi a reorientação estratégica anunciada pelo CEO Bernard Looney.

Já em fevereiro, o recém-empossado Looney tinha declarado que até 2050 a BP atingiria uma pegada de carbono líquida zero. Seis meses mais tarde, Looney foi além e declarou que a BP reduzirá a produção de petróleo e gás em 40% na próxima década, e investirá até US\$ 5 bilhões por ano (incluindo energias renováveis, captura de carbono e hidrogênio) para transformar a BP numa das maiores empresas de energia renovável do mundo. Para financiar a transformação, a BP cortará pela primeira vez em uma década os dividendos aos acionistas.

Looney disse que “... havia dúvidas sobre como faríamos isso e quais seriam os marcos ao longo do caminho. Portanto, hoje, anunciamos uma nova estratégia que remodelará nosso negócio à medida que mudarmos de uma empresa internacional de petróleo focada na produção de recursos para uma empresa de energia integrada...”

“

As evidências sobre o risco climático estão levando investidores a uma reavaliação profunda do risco e precificação dos ativos. As alterações climáticas, portanto, tornaram-se um fator decisivo nas perspectivas a longo prazo das empresas

”

Na proposta de refundação da empresa, a BP foi a mais assertiva entre as gigantes do setor, mas não constituiu um caso isolado. A Italiana Eni, a Norueguesa Equinor, a Holandesa Shell, a Espanhola Repsol, e a Francesa Total também anunciaram o objetivo de chegar a zero emissões líquidas e investir pesado em renováveis até 2050.

Para o setor atingir as metas de zero carbono em 2050, os próximos dez anos de investimentos e desinvestimentos serão determinantes. Torna-se necessário investimentos maciços em energias renováveis, em armazenamento de energia, em transporte elétrico, em tecnologias de baixo carbono, em medidas de eficiência de processos produtivos, e em cadeias de suprimento sustentáveis entre outros.

Os fundos negociados em bolsa ETF (fundos de índice em inglês) ESG procuram replicar a carteira do índice de referência (Bovespa, S&P etc.) respeitando o mandato ESG. Como consequência do mandato ESG, estes têm subponderado de forma sistemática o segmento de petróleo e gás nas carteiras. As principais empresas internacionais do segmento tipicamente estão inclusas, mas as de porte médio, aquelas que normalmente pontuam mal em emissões e outras métricas ESG, são amplamente excluídas. Já a subcategoria de fundos ETF ESG de baixo carbono exclui por completo o setor de petróleo e gás.

Os ETF ESG de baixo carbono experimentaram um aumento nas aplicações de novos investidores tão acelerado quanto aquelas dos fundos ETF com mandato ESG amplo. Os ETF ESG demoraram 14 anos até

atingir em 2019 US\$ 10 bilhões em ativos sob gestão, e apenas outros 18 meses para chegar a US\$ 40 bilhões. Apesar do rápido crescimento, os ETF ESG não se comparam em tamanho aos ETFs sem carimbo. Até agora uma das principais barreiras para aumentar os ativos sob gestão dos ETF ESG de baixo carbono era o tamanho do setor de renováveis. Mas esta barreira também está caindo.

Pela primeira vez tem empresas focadas em energia renovável que, em valores de mercado (e US\$ bilhões – NextEra Energy \$ 138, Iberdrola \$ 78, Orsted \$ 57, Tesla \$ 366), superam ou se equiparam aos outrora gigantes da indústria de petróleo e gás (em US\$ bilhões, Total \$ 101, Shell \$ 109 bilhões, BP \$ 68 bilhões, Equinor \$ 51, ConocoPhillips \$ 36). Na procura por capital, o segmento de petróleo e gás vai cada vez mais competir de frente com o investimento carimbado para ESG.

A consolidação da pauta ambiental no setor financeiro global, e a corrida desencadeada por investimentos carimbados ESG representam uma conjuntura única para o Brasil. Enquanto a União Europeia e os Estados Unidos discutem como organizar fluxos de comércio e investimentos em função de uma retomada verde, o ponto de partida do Brasil é privilegiado tanto pela matriz energética, entre as mais limpas do mundo, como pelo potencial da floresta Amazônica, um dos maiores sumidouros de carbono do planeta. Pela primeira vez, o Brasil tem condições de liderar uma agenda global ainda em construção, que pode beneficiar ou atingir em cheio a pauta de exportação brasileira, dominada por petróleo, agronegócio e minério.

“

Pela primeira vez, o Brasil tem condições de liderar uma agenda global ainda em construção, que pode beneficiar ou atingir em cheio a pauta de exportação brasileira, dominada por petróleo, agronegócio e minério

”